

FUNDAMENTOS DO
**CRISTIA
NISMO**

UM
MANUAL
DA
FÉ
CRISTÃ

ALISTER MCGRATH
J. I. PACKER
ORGANIZADORES


VIDA NOVA

Sumário

<i>Palavra do editor</i>	13
Uma breve história da fé cristã	17
O Novo Testamento	17
A igreja primitiva	18
A Idade Média	20
O Renascimento.....	21
A Reforma	22
O avivamento	23
O mundo moderno	24
1 Fé	
O que é fé?.....	27
A origem dos credos	30
Fé e razão	37
Fé e filosofia	38
A fé em palavras: a linguagem religiosa	40
Pode-se provar a existência de Deus?	42
Ciência e religião	44
Fé e verdade	44
Fé e revelação.....	49
O lugar da tradição	50
O lugar da Bíblia.....	51
A interpretação da Bíblia	52
O que é teologia?	58
A religião na vida humana.....	60
O cristianismo e as outras religiões	61

8 Fundamentos do cristianismo

O homem em busca de Deus	64
Modernidade	66
A importância das cosmovisões.....	67
Pós-modernidade	68
Islamismo	70

2 Deus

O que queremos dizer com “Deus”?.....	74
A mente de Deus.....	79
O Criador e a criação.....	83
Formas de pensar sobre a criação	84
O lugar da humanidade na criação.....	85
Como se pode conhecer Deus pela natureza?	86
Os atributos de Deus.....	88
Criação e evolução	90
A sexualidade humana	92
A imagem de Deus nos seres humanos	94
A humanidade como gestora da criação	98
O que queremos dizer com Deus “todo-poderoso”?	100
Deus é pessoal.....	102
Imagens bíblicas de Deus	104
A doutrina da Trindade.....	106
A pessoa do Pai.....	110
A pessoa do Filho.....	113
A pessoa do Espírito Santo.....	116
O movimento carismático	120
Modelos da Trindade.....	123
Como os muçulmanos veem a Trindade	126

3 Jesus

Os relatos do Novo Testamento sobre Jesus.....	134
O nascimento de Jesus na arte cristã	136
As parábolas de Jesus	138
As declarações “Eu sou” no Evangelho de João	142
As origens judaicas de Jesus.....	149

Jesus e os movimentos religiosos do seu tempo	150
As profecias do Antigo Testamento sobre Jesus Cristo	154
A missão e os objetivos de Jesus	161
A busca do Jesus histórico	162
Jesus e os pobres	166
O ministério e os ensinamentos de Jesus	172
Jesus e as mulheres	176
Jesus no Evangelho de João	181
Os títulos de Jesus no Novo Testamento	184
Jerusalém e a crucificação de Jesus	190
A crucificação na arte cristã	196
A ressurreição e a realeza de Jesus	198
A encarnação e a revelação de Jesus	201
Jesus no pensamento dos primeiros cristãos	204
A virgem Maria no pensamento cristão	208
Como os muçulmanos veem Jesus	210
Como os budistas veem Jesus	212
Como os hinduístas veem Jesus	214
A singularidade de Jesus	214

4 Salvação

O que é pecado?	218
A aurora de uma nova era	218
O sofrimento de Cristo e o problema do sofrimento	222
Ligar-se à cruz	224
O significado da cruz: adunação	224
A salvação e a derrota dos demônios	226
A vitória sobre a morte e Satanás	230
O perdão dos pecados	235
Quais são os "benefícios de Cristo"?	238
Restaurados para Deus	241
Justificação	244
Cristo como o representante da humanidade	246
Cura	251

John Newton e o hino "Preciosa graça de Jesus"	254
O conceito de graça	256
A predestinação e a liberdade humana	260

5 A igreja

A origem da igreja	265
A igreja no Antigo Testamento	268
A igreja no Novo Testamento	272
Metáforas para a igreja	277
Ética cristã	288
Cristianismo e justiça social	292
Marcas de identidade da igreja	294
Agostinho e a controvérsia donatista	300
A igreja deve batizar crianças?	306
Atos que expressam a identidade da igreja	306
Cristo está presente na ceia do Senhor?	312
O que é ministério cristão?	316
Mulheres no ministério	320
O serviço na igreja	321
O cristão deve ir à guerra?	322
Como surgiram os mosteiros?	326
Billy Graham e a missão cristã	328
Servir ao mundo: a missão da igreja	330

6 A esperança cristã

O nascimento de uma nova esperança	334
A crise de esperança da cultura ocidental moderna	338
A ressurreição de Cristo	340
Jesus realmente ressuscitou dos mortos?	344
A esperança de ressurreição dos crentes	346
A postura cristã em relação ao trabalho	348
A ressurreição e a esperança humana	350
As últimas coisas	353
Qual é a aparência do corpo ressurreto?	355
O cristão diante dos bens materiais	356

A Nova Jerusalém	360
A arquitetura das igrejas e a visão de Deus	364
Onde ficava o jardim do Éden?	366
O que é espiritualidade?	368
A restauração da criação	369
O céu na arte cristã	370
A prelibação do céu na vida cristã	372
A jornada de fé em direção ao céu	376
Charles Wesley e a esperança do céu	378
A segunda vinda de Cristo	381
<i>Antologia concisa do pensamento cristão</i>	385
<i>Glossário</i>	417
<i>Índice remissivo</i>	451

Palavra do editor

Este manual tem por objetivo apresentar as crenças básicas do cristianismo de forma simples e clara. Explica em que creem os cristãos — a maior comunidade religiosa do mundo —, de onde vêm suas crenças, como elas se desenvolveram ao longo dos séculos e o lugar que ocupam na igreja e no mundo de hoje. Foi concebido com o propósito de ajudar os cristãos a aprofundar o conhecimento de sua fé e facultar aos não cristãos o acesso a uma compreensão básica das crenças cristãs, mesmo no que se refere a importantes debates doutrinários. O que este manual deseja, sobretudo, é demonstrar que as crenças cristãs se fundamentam na Bíblia.

Por que, afinal, estudar sobre aquilo em que creem os cristãos? Por que dedicar um livro inteiro à explicação e à investigação dessas crenças? São várias as respostas possíveis. Uma das mais importantes é quanto esse estudo nos leva a conhecer e a valorizar a vida de fé do crente e quanto nos estimula a uma jornada de reflexão e de crescimento pessoal. Para o grande teólogo cristão Agostinho de Hipona (354-430), o embate com Deus trazia em si um deleite intelectual genuíno. Ele alude a um “eros da mente” — uma espécie de anseio de entender mais sobre a natureza e os caminhos divinos — e ao impacto transformador que isso pode ter na vida das pessoas. Outros autores cristãos acentuaram a importância prática da teologia, destacando o papel fundamental que ela desempenha no ministério da igreja. Para muitos, a pregação cristã, a espiritualidade e o cuidado pastoral estão enraizados em crenças cristãs fundamentais. Mesmo quem não compartilha das convicções do cristianismo tem algo a ganhar quando compreende essa relação entre teoria e prática.

As crenças, portanto, têm fundamental importância. Elas dão forma ao nosso universo mental e nos fornecem um mapa do mundo complexo e não raro desconcertante em que habitamos. As crenças dos cristãos lhes proporcionam uma estrutura basilar para a prática da fé. A convicção na esperança futura do céu, por exemplo, tem um impacto muito grande sobre sua atitude

para com a vida e a morte. Além disso, faz uma diferença colossal na conduta e no modo de pensar deles.

O fato é que os cristãos não creem simplesmente em Deus; eles creem em certas coisas a respeito de Deus que lhes influenciam toda a perspectiva da vida. A fé cristã não é uma mistura caótica de emoções ou de sentimentos. Os cristãos creem que Deus tem certas características essenciais — por exemplo, que ele é santo, misericordioso e digno de confiança. Creem que ele amou tanto o mundo que enviou Cristo à terra para redimir a humanidade. A doutrina cristã da Trindade procura sintetizar a visão imensamente rica e poderosa de Deus expressa nas Escrituras. Não é uma das doutrinas mais fáceis de entender, mas lembra às pessoas a majestade, a glória e o esplendor avassaladores de Deus. Essas convicções fundamentais acerca de Deus influenciam o modo em que os cristãos oram, adoram e falam aos outros sobre esse Deus incomparável.

As crenças cristãs sobre Jesus Cristo também são, sem dúvida, muito importantes. Jesus Cristo é o início, o meio e o fim da mensagem cristã de esperança. Não resta dúvida de que no âmago da fé cristã há uma pessoa, e não uma crença. Todavia, é importante saber que Jesus é a pessoa que dá origem às crenças no momento mesmo em que alguém se vê às voltas com a indagação “Quem é Jesus Cristo?” ou “Qual é a melhor forma de comunicar quanto ele é importante?”. Ninguém pode proclamar, adorar nem imitar a Jesus Cristo sem ao mesmo tempo ter determinadas crenças a seu respeito. Faz toda a diferença acreditar que Jesus é um ser humano magnífico e único a quem somos convidados a imitar, ou é o Filho de Deus, que entrou neste mundo para redimir a humanidade. Para o crente, ter uma compreensão correta da pessoa de Jesus é fundamental para a vida e o testemunho cristãos. As crenças são essenciais, e elas influenciam aquilo que os cristãos pensam, esperam e fazem! É por isso que este livro é tão importante.

Este guia introdutório à fé cristã começa com uma breve análise da história cristã. Em seguida, vem uma análise da natureza da fé, cujo objetivo é ajudar o leitor a compreender as características peculiares de como o cristão entende a fé e suas relações com a razão e a cultura. Depois, cinco grandes seções tratam dos temas centrais da fé cristã — as convicções sobre Deus e a criação, Jesus Cristo, a salvação, a igreja e a esperança cristã. Cada capítulo examina em que creem os cristãos e como essas crenças se fundamentam na Bíblia.

O primeiro capítulo consiste numa investigação muito envolvente da natureza da fé, de autoria de John G. Stackhouse. Com base em sua vasta experiência de ensino nas áreas de teologia filosófica e de apologética na Regent College, de Vancouver, Stackhouse guia seus leitores através de diversos temas relacionados à ideia de fé, entre eles aquelas questões que dizem respeito ao conflito do cristianismo com a visão de mundo pós-moderna e com outras religiões mundiais.

Na sequência, Gerald Bray, professor de teologia da Beeson Divinity School, faz um relato extenso e cuidadosamente estruturado da doutrina cristã de Deus. Exploram-se aí os temas clássicos da visão cristã de Deus — entre eles, uma investigação criteriosa do que significa dizer que Deus é uma “pessoa” ou falar de um “Deus pessoal”. O interesse específico de Bray pela doutrina da Trindade transparece em todo o seu artigo. A exposição cabal que ele faz dos fundamentos dessa doutrina é de importância especial à luz das crescentes críticas do islamismo ao cristianismo nessa questão em particular.

A pessoa de Jesus Cristo é, sem dúvida alguma, de importância fundamental no que se refere a todos os aspectos da fé cristã. Para dar um exemplo particularmente relevante para os crentes: evangelizar é falar de Jesus às pessoas. Mas o que se deve contar? Qual é a melhor maneira de comunicar a identidade e a importância de Jesus? Para que a evangelização cristã seja eficaz, ela tem de ser fiel a quem os cristãos acreditam que Jesus é de fato. Isso requer uma longa e árdua reflexão sobre o testemunho bíblico a seu respeito. Com base em sua experiência de explicar as bases das crenças cristãs sobre Jesus a seus alunos de Oxford, Peter Walker apresenta um relato vigoroso e de fácil leitura do retrato que a Bíblia fornece de Jesus e comenta suas implicações para o pensamento e a vida do cristão. Esse relato claro e fidedigno de como o cristão entende a pessoa e o lugar de Jesus Cristo constitui o fundamento de uma resposta inteligente tanto às críticas racionalistas ao enfoque cristão tradicional da encarnação e ressurreição quanto, sobretudo, às críticas do islã à afirmação da divindade de Cristo, que é a declaração central do cristianismo. Em diversos aspectos, esse artigo é a mola mestra deste livro, porque os temas de que trata transbordam para além dele e se interconectam com outros artigos e temas.

A identidade de Jesus Cristo é intimamente ligada a sua obra. Simplificando: o ser de Jesus determina o seu agir. Graham Tomlin faz uma exposição sucinta dos temas fundamentais da doutrina cristã da salvação. Ele a apresenta como uma ideia rica e complexa, com implicações para o passado, o presente

e o futuro. Demonstra a importância do conceito de salvação para a fé cristã, explora as várias formas em que essa ideia se expressa na Bíblia e comenta a longa tradição cristã de interpretação e aplicação do material bíblico.

Apesar de alguns cristãos ocidentais costumarem pensar na sua fé em termos individualistas, a tendência que predomina na Escritura e na teologia cristã é de âmbito muito mais coletivo. Os crentes são membros do corpo de Cristo — a igreja. Mas o que é a igreja? Para que ela existe? Que papel desempenha na preservação e difusão da fé? De que modo ela conserva sua identidade e missão específicas? Chris Wright, educador experiente no campo da teologia e apaixonado por missões, analisa os vários aspectos da compreensão cristã da igreja e a visão de uma humanidade restaurada que ela proclama e encarna.

Por fim, passamos a refletir sobre a esperança cristã. Conforme ressalta o apóstolo Paulo em sua exposição acerca da ressurreição (1Co 15), se não temos esperança, estamos, sem dúvida, completamente perdidos. O que a fé cristã tem a dizer sobre o futuro e em que isso influencia a vida no presente? Nesse último capítulo, exponho alguns temas básicos da concepção cristã a respeito do futuro e seu impacto transformador sobre a vida e o pensamento.

Este manual é necessariamente apenas uma introdução à fé cristã. Esperamos, porém, que esta exposição dos fundamentos do pensamento cristão possibilite aos leitores se aprofundarem no entendimento acerca dos temas centrais da fé cristã, de seu desenvolvimento histórico e de sua aplicação contemporânea.

Só me resta agradecer a todos os que trabalharam com tanto empenho para que o livro atendesse às necessidades dos cristãos desejosos de investigar as questões vitais da fé, bem como de não cristãos igualmente desejosos de saber mais a respeito dos conceitos elementares dessa fé. Cremos e esperamos que este manual seja uma introdução valiosa e acessível aos elementos essenciais da fé cristã e possibilite aos leitores ampliar suas descobertas sobre as riquezas e os tesouros da mensagem do evangelho.

ALISTER McGRATH

Oxford

1 Fé

JOHN STACKHOUSE

O que é fé? Para responder a essa pergunta, podemos olhar inicialmente para algumas pessoas tidas como notáveis modelos de fé. Que diferença faz a fé na vida de alguém? O que significa dizer que alguém tem fé em Deus? O primeiro herói espiritual de que a Bíblia fala mais detidamente é Noé, um exemplo brilhante de fé. Deus diz a Noé algo difícil de acreditar: o mundo tal como ele o conhece vai ser destruído por uma enchente como jamais ocorrera. Contudo, Deus promete salvar a ele e à sua família (Gn 6.9-22). Noé recebe então uma incumbência à luz da revelação que lhe fora dada. Deverá construir uma arca e embarcar nela com a família, acompanhados de um número suficiente de animais para repovoar a terra.

Noé crê em Deus. Obedece a Deus. Isso é fé.

Nas páginas do Antigo e do Novo Testamentos, Abraão é sempre o exemplo por excelência de fé. De fato, a terminologia explícita da fé e da fidelidade aparece primeiramente na história de Abraão. Deus lhe ordena que saia de sua casa na antiga Suméria (nas imediações dos rios Tigre e Eufrates, atual Iraque ou Kuwait) e vá para uma terra que ele vai lhe mostrar (Gn 12.1-4). Deus diz também a Abraão que, apesar de sua idade avançada e da idade avançada de sua esposa, eles terão uma descendência que se multiplicará e se tornará uma nação cuja influência será uma bênção para o mundo todo (Gn 15.1-6).

Abraão acredita em Deus. Abraão obedece a Deus. Isso é fé.

Não há palavra mais importante para a religião cristã do que a palavra “fé” — tão essencial, na verdade, que frequentemente chamamos o próprio cristianismo de *fé* cristã. Todavia, trata-se de uma palavra muito mal compreendida em nossos dias — tão mal compreendida, aliás, que muita gente hesita em abraçar o cristianismo com receio de ter de abrir mão do raciocínio e da

inteligência (“fé *versus* razão”), arriscando-se, numa atitude de pouco discernimento e sem fundamento, em algo que ninguém sabe definir muito bem (o tal “salto no escuro”). Mas o que é fé? E por que tanta gente evidentemente séria e equilibrada — desde o próprio Jesus até vários de nossos contemporâneos — recomenda que tenhamos fé?

O que é fé?

“Fé” é uma palavra de conteúdo muito rico na Bíblia. Na verdade, o hebraico antigo, a língua da maior parte do Antigo Testamento, a traduz de diferentes maneiras, bem como o grego coine (ou “comum”), língua em que foi escrito o Novo Testamento. Essa rede de palavras resulta num elo fascinante: fé e ação.

Os termos hebraicos relacionados à fé têm os seguintes significados, entre outros: “temer a Deus” (em geral, uma expressão que denota não só a reverência religiosa, mas também a obediência moral; Dt 10.12; Jó 28.28; Sl 111.10); “crer”; “ter confiança”; “confiar ou ser digno de confiança”; “ser leal ou confiável”; “ser fiel ou veraz”; “ser firme ou provado”; “ouvir ou prestar atenção”; “obedecer ou seguir”; e “ser justo ou santo”. Os vocábulos gregos relacionados no Novo Testamento equivalem, entre outros significados, a “estar convicto” (o hebraico não tem palavra equivalente a persuadir ou convencer), além da mesma gama de expressões usadas no Antigo Testamento. Essa dupla definição aparece no tão conhecido termo *amém*. Inicialmente um advérbio hebraico, a palavra é empregada como reação ao que diz outra pessoa: “[O que você disse é] verdade”, ou “[Isso que você disse] é digno de confiança”. Diga-se de passagem que Jesus antepunha a seus ensinamentos a expressão “Amém, amém” — traduzida por “Em verdade, em verdade” nas versões mais antigas em português (e na versão King James inglesa) e “Asseguro-lhe”, por exemplo, na Nova Versão Internacional (NVI). Esse uso não tinha precedentes e indicava sua nítida reivindicação de autoridade. Nesse sentido, vale a pena notar que Jesus caracterizava suas palavras como um firme fundamento para a vida, no qual se pode confiar tanto quanto se pode confiar num alicerce de rocha (Mt 7.24).

“Amém” passa a ser uma palavra que indica envolvimento pessoal, sobretudo em resposta aos mandamentos de Deus. O povo de Israel responde às maldições solenes proferidas pelos levitas dizendo “amém”, comprometendo-se assim a não perpetrar os atos sobre os quais as maldições foram pronunciadas (Dt 27.14-26). Uma geração posterior reage do mesmo modo quando Neemias

denuncia aqueles entre o povo que não haviam isentado seus irmãos judeus das dívidas que tinham; o povo prometia, assim, tanto obedecer às instruções do profeta quanto repudiar os desobedientes (Ne 5.13). Vemos, portanto, que dizer “amém” não significa reconhecer meramente a veracidade ou o caráter adequado do que alguém diz; significa também declarar a intenção de agir em conformidade com o que se diz: *uma vez, que* aquilo que foi dito é verdadeiro e confiável, corresponderei fielmente ao que se pede de mim. Desse modo, é preciso reconhecer que o sentido com que o cristão moderno comum usa o termo “amém”, isto é, como simples apêndice a uma oração ou a um hino, constitui uma triste atenuação do sentido original da palavra. Quando dizemos ou cantamos “amém”, o que nos deve mover é a intenção de cumprir um voto sagrado.

O inglês, como o português, não tem um verbo que corresponda precisamente ao substantivo “fé”. Temos de recorrer a perífrases (expressões constituídas por mais de uma palavra) do tipo “ter fé”, para lhe dar uma função verbal. “Acreditamos” em alguma coisa ou em alguém. Nas línguas originais da Bíblia, porém, a fé não é mero assentimento intelectual. Não é apenas reconhecimento de que tal ou qual coisa é desta ou daquela forma. A fé costuma ocorrer no âmbito de uma relação pessoal, de tal modo que alguém crê em alguma coisa porque acredita na pessoa que a declarou. Com essa crença, no contexto de uma relação de promessa e ajuda mútuas — o que a Bíblia chama de aliança —, vêm as implicações de ação. A fórmula geral é: uma vez que creio que X é verdade porque você me disse que é, cumprirei a minha parte de nosso acordo e creio que você cumprirá a sua também. Nesse mesmo sentido, usa-se a expressão “ser fiel” a alguém.

De fato, um dos temas comuns a ambos os Testamentos é a imitação de Deus: uma vez que Deus é fiel, também seu povo deve ser fiel; uma vez que Deus é verdadeiro, seu povo também deve ser verdadeiro (ou veraz). Com efeito, um dos célebres títulos que Jesus recebe na descrição que o Apocalipse faz da sua segunda vinda é “[testemunha] Fiel e Verdadeira” (Ap 3.14; 19.11).

Portanto, na fé bíblica, o elemento essencial é a *confiança* — uma combinação de fé e ação. A declaração “confio em você” não teria sentido se não estivesse associada a algum tipo de ação. O salva-vidas nada em minha direção enquanto me debato no mar agitado. Ele grita pedindo que me acalme e me agarre a ele do jeito certo. “Confio em você” não teria sentido se nesse momento, pelo fato de confiar em que ele me salvará, eu não lhe obedecesse.

Essa combinação se aplica não apenas a situações de crise, mas também à vida cotidiana. Quando um casal de noivos faz seus votos conjugais, eles não estão dizendo apenas o que pensam um sobre o outro. “Pensando bem, acredito mesmo que você seja uma excelente pessoa e acho que seria ótimo passar o resto da minha vida com você. Que conceito bem pensado! Bom, agora vou indo. Tchau.” Nada disso, os dois fazem votos que os obrigam a agir de acordo com certos modelos estabelecidos que combinam efetivamente com suas ideias: “*Uma vez que* creio que você é uma excelente pessoa, que o(a) amo, que você me ama e que desejamos construir uma vida juntos — e considerando que não creio apenas nessas coisas a seu respeito, mas creio *em você* —, prometo *então* lhe dar meu amor para sempre e agir com base no que tudo isso implica de acordo com a promessa que faço agora”.

Com efeito, o tema do matrimônio é usado de maneira impactante na Bíblia para representar a relação de Deus com seu povo — desde o profeta Oseias, que de coração partido toma de volta para si sua esposa adúltera, tal como Deus mais uma vez perdoa a infidelidade de Israel, até a esperança cristã gloriosa da igreja de unir-se a Jesus em sua segunda vinda, para celebrar com ele a ceia das núpcias do Cordeiro (Ap 19.9).

No uso cristão do termo, é fato que a palavra “fé” às vezes se refere às crenças. É o que parece acontecer às vezes no Novo Testamento, como no conselho do apóstolo Paulo a Timóteo: “Explicando estas coisas aos irmãos, serás bom servidor de Cristo Jesus, alimentado pelas palavras da fé e do bom ensinamento que tens seguido” (1Tm 4.6, LEB [Bíblia Mensagem de Deus, da Liga de Estudos Bíblicos, Loyola]). Mesmo neste caso, é possível fazer uma interpretação mais ampla de “fé”: o “ensinamento” mencionado no texto pode ser entendido como o simples componente intelectual do modo de vida cristão em sua totalidade, aí referido como “fé”; portanto, “o ensinamento” seria literalmente “as *palavras da fé*”. É muito raro que, no Novo Testamento, a “fé” seja reduzida de modo inequívoco a um simples conjunto de verdades, embora alguns teólogos racionalistas pensem de outra forma (e para isso citam comumente como exemplos Rm 1.5, Gl 1.23 e Jd 3).

“A fé é o primeiro degrau que se sobe, mesmo que não se enxergue a escada toda.”

MARTIN LUTHER KING JR.

A origem dos credos

A palavra “credo” vem do latim *credo* (“eu creio”) e designa uma declaração de fé autorizada para uso público. A mais antiga e mais simples confissão de fé cristã parece ter sido “Jesus é o Senhor!”, fórmula encontrada em várias passagens do Novo Testamento. Com o passar do tempo, a necessidade de declarações de fé oficiais e públicas foi se tornando cada vez mais evidente. Pedia-se aos convertidos ao cristianismo que confirmassem sua fé no momento do batismo usando uma breve declaração de fé. Aos poucos, essas declarações foram crescendo até se tornarem o que hoje conhecemos como “credos”. Os credos em geral têm forma inequivocamente trinitária, afirmando a fé no Deus Criador, em Cristo Salvador e no Espírito Santo. Nunca houve a pretensão de que os credos substituíssem a Bíblia. Pelo contrário, eles devem ser vistos como sínteses confiáveis e fidedignas que nos ajudam a entender a Bíblia, salvaguardando a igreja de graves erros de interpretação, como, por exemplo, os que surgiram durante as controvérsias com grupos gnósticos no segundo século.

Os dois credos cristãos mais importantes são o Credo Apostólico e o Credo Niceno. O primeiro se desenvolveu ao longo de muitos anos e sua versão final data do oitavo século. Consiste em doze declarações individuais de fé que, pela tradição, são atribuídas aos apóstolos, individualmente, apesar de não haver justificativa histórica para essa crença. Em seu formato ocidental, o credo se apresenta como se segue:

1. Creio em Deus Pai, todo-poderoso, criador do céu e da terra;
2. e em Jesus Cristo, seu único Filho, nosso Senhor;

Na igreja primitiva, porém, os teólogos referiam-se à “regra de fé”, e com isso tinham em mente uma breve declaração da doutrina cristã que servia de diretriz para avaliar possíveis heresias. Tais declarações de fé, quando autorizadas pelo uso generalizado ou por sanção oficial, passaram a ser conhecidas como “credos” — vocábulo que vem da primeira palavra, em latim, das duas declarações mais famosas, o Credo dos Apóstolos e o Credo Niceno: “Creio...” ou, em latim, *credo*. No cristianismo medieval e na doutrina católica romana desde as controvérsias com os protestantes no século 16, a fé, por vezes, tomou o sentido de “concordância com o ensino da igreja”. Essa definição de fé contrastava especialmente com o que se supunha ser o entendimento básico que os protestantes tinham da fé como mera confiança afetiva na misericórdia

3. que foi concebido por obra do Espírito Santo; nasceu da virgem Maria;
4. padeceu sob Pôncio Pilatos, foi crucificado, morto e sepultado; desceu à mansão dos mortos;
5. ressuscitou no terceiro dia;
6. subiu ao céu; está sentado à direita de Deus Pai todo-poderoso,
7. de onde há de vir a julgar vivos e mortos.
8. Creio no Espírito Santo;
9. na santa igreja católica; na comunhão dos santos;
10. na remissão de pecados;
11. na ressurreição do corpo; e
12. na vida eterna.

No século 20, o Credo Apostólico ganhou ampla aceitação na maioria das igrejas como base para discussões ecumênicas que visam a aprofundar o entendimento e estimular a cooperação.

O Credo Niceno preocupa-se sobretudo em salvaguardar a identidade de Jesus Cristo contra equívocos e representações insatisfatórias de sua importância. Esse credo data do quarto século e toma seu nome do Concílio de Niceia (325), que estabeleceu a interpretação ortodoxa da identidade de Jesus Cristo. Ele contém declarações explícitas da divindade de Cristo afirmando que ele deve ser visto como "Deus de Deus, Luz de Luz, Deus verdadeiro de Deus verdadeiro, gerado, não criado, consubstancial com o Pai".

divina, independentemente da correção doutrinária. (Os protestantes e, de modo especial, Martinho Lutero, podiam até dar a impressão de que isso era verdade — mas a paixão característica dos reformadores protestantes pela correção doutrinária mostra que a fé para eles jamais esteve divorciada de fato das questões intelectuais.)

Contudo, nenhum dos ramos principais do cristianismo jamais reduziu a fé a pura convicção intelectual, ao domínio das ideias apenas, a um mero "creio..." sem nenhuma preocupação sincera ou implicação prática. Na verdade, um dos versículos mais intrigantes da Bíblia declara que os próprios demônios acreditam em certas verdades a respeito de Deus e "tremem" diante delas. Eles veem a verdade, mas reagem a ela de forma errada (Tg 2.19). Do mesmo

modo, nenhum dos principais ramos do cristianismo jamais reduziu a fé a uma espécie de afeto ou decisão existencial de confiar em Deus desacompanhada de todo o conteúdo doutrinário ou implicação moral. Na verdade, é difícil imaginar o que seria essa fé “sem conteúdo” ou por que alguém se interessaria em professá-la.

Alguns leitores do Novo Testamento, como Martinho Lutero, viam uma oposição entre Paulo e Tiago do tipo a que aludimos no parágrafo anterior, como se Paulo estivesse defendendo a fé como mera confiança enquanto Tiago defendesse a fé com obras. Diante disso, Lutero questionou se a Epístola (ou Carta) de Tiago deveria mesmo estar na Bíblia! Contudo, não há oposição alguma, sobretudo se nos lembrarmos de que tanto Paulo quanto Tiago eram judeus convertidos ao cristianismo. Sua herança de fé era um todo firmado na aliança entre Deus e seu povo. Ser fiel significa crer no que Deus diz; confiar no seu perdão das coisas passadas e na sua provisão para o futuro; e cooperar com ele no presente em tudo quanto sua obra requer.

É o caso da convicção de Habacuque repercutida por Paulo: “Vede o arrogante! A sua alma não é correta; mas o justo viverá por sua fé” (Hc 2.4; cf. Rm 1.17; Gl 3.11). Alguém talvez leia essa passagem e diga que ela invoca a simples crença, uma espécie de confiança interna em Deus sem nenhuma necessidade de ação. Contudo, observe-se o que diz Ezequiel, contemporâneo de Habacuque, talvez uma espécie de “Tiago” para o “Paulo” de Habacuque. O texto de Ezequiel diz: “Se um homem for justo e agir com retidão e justiça, [...] andando nos meus estatutos e respeitando as minhas normas, para agir de acordo com a verdade, este é justo, certamente viverá, diz o SENHOR Deus” (Ez 18.5,9). Paulo e Tiago compartilham dessa herança do Antigo Testamento.

Na verdade, o que Paulo nos quer fazer entender é que não podemos obter o favor de Deus pelo mérito decorrente da prática de boas obras. Nesse sentido, a preocupação do apóstolo é refutar certas ênfases atribuídas posteriormente pelos judeus à observância da lei como meio de conquistar a aprovação divina. Ele cita com frequência Abraão como exemplo: “Que diz a Escritura? Abraão creu em Deus, e isso lhe foi atribuído como justiça” (Rm 4.3; veja Gl 3.6). Abraão não conquistou por mérito a bênção divina. Ninguém pode conquistá-la por seus próprios méritos, uma vez que “todos pecaram e estão destituídos da glória de Deus” (Rm 3.23). Deus, por sua graça, *atribuiu* a justiça a Abraão quando este depositou sua confiança em Deus; por isso Deus o abençoou.

Dois mil anos depois da crucificação de Jesus, o cristianismo conta com mais seguidores do que qualquer outra religião do mundo.

- Quais são suas crenças essenciais?
- Como surgiram?
- Como as diversas igrejas entendem essas crenças?
- Como elas influenciam a maneira de os cristãos viverem?

Fundamentos do cristianismo, escrito por uma equipe de especialistas em várias áreas do conhecimento teológico, visa aos interesses e às necessidades dos leitores contemporâneos. A obra é abrangente e acessível, oferecendo, com autoridade, um panorama das crenças cristãs que inclui sua origem, desenvolvimento e significado para os dias de hoje.

Depois de uma apresentação histórica geral, o livro se divide em seis seções principais. Abrangendo o espectro completo do ensino e da doutrina cristã, os seguintes tópicos são investigados de forma detalhada:

- | | |
|----------|-----------------------|
| 1. Fé | 4. Salvação |
| 2. Deus | 5. A igreja |
| 3. Jesus | 6. A esperança cristã |

Este livro é um manifesto da fé cristã e permite que o leitor aprofunde seu conhecimento e compreensão sobre o cristianismo.